
Entre o livro e a televisão

LUÍZ CLAUDIO VIEIRA DE OLIVEIRA

PROFESSOR ADJUNTO DA
FCH/FUMEC

Qual o ponto de contato entre a televisão, o livro de histórias, a história em quadrinhos e a avó que todos temos em casa? A semelhança é que todos, ainda que cada um a seu modo, contam histórias. E o importante é que contam. Houve um tempo em que só a história da vovó existia. Por um lado, porque o acesso ao livro era muito difícil e as histórias passavam de boca em boca. Por outro, porque o livro, e todas as coisas escritas, tinham um poder muito grande e podiam mudar radicalmente a vida das pessoas. Mas, de um modo geral, os livros eram realidades distantes, que não afetavam a vida em seu cotidiano.

As histórias nos vinham através de pessoas da família que as tinham vivido ou tinham ouvido de outros: conhecidos, amigos, viajantes, vizinhos. Essas histórias iam sendo transformadas à medida que eram narradas: ou porque alguém se esquecia de algum pedaço, ou porque não gostava daquele jeito de contar e tinha outro melhor, ou porque eram contadas de uma forma e ouvidas de outro. Naquele tempo, ao pé do fogo, alguém adormecia e perdia um pedaço da história. Quando chegava a sua vez de contar, contava diferente.

Numa outra época, os livros substituíram os contadores de histórias ou passaram a fornecer novas idéias ou novos casos para eles. Eles liam e contavam, liam e mudavam, liam e misturavam as histórias. Afinal, contador de histórias não precisa ter memória e fidelidade de elefante. Basta que saiba narrar e prender a atenção dos ouvintes, pois o importante é o que está contando. E as histórias foram se transformando também. Com o passar do tempo, as pessoas vieram para as cidades: já não havia como assentar à volta do fogão a lenha e ouvir histórias. Os contadores foram desaparecendo. Se não havia contador algum por perto, o recurso era pegar o livro, arranjar um lugar bem confortável, abrir o livro e embarcar numa nova aventura.

Cada história era uma viagem. Nem sempre terminava de acordo com o roteiro que o autor havia preparado, porque cada leitor tinha liberdade de sonhar à vontade. Quantas vezes esse leitor não parava de ler, fechava os olhos e ficava se vendo lá, naquela cena, naquela ilha, lutando contra os piratas, brigando por donzelas indefesas, beijando a heroína, vivendo feliz para sempre? E a história ia tomando imprevistos novos rumos. A cada leitura, novas aventuras, novos amigos, novas peripécias, sempre diferentes.

Depois apareceu o cinema, com suas fitas mudas e faladas, seus seriados, suas matinês. Domingo era dia de cinema! Por isso, era um acontecimento. Ia-se em grupos familiares ou em turmas para ver um filme que seria comentado e discutido durante toda a semana, com todas as imagens e peripécias guardadas com carinho e repetidas à exaustão. Nem sempre se podia ir ao cinema: cada sessão devia ser aproveitada ao máximo. Todos os detalhes eram importantes: a agitação e a correria para chegar na hora, as filas, acompanhadas por baleiros, que vendiam maravilhas adocicadas, a entrada na sala escura, o jornal, as músicas e, maravilha das maravilhas, o filme tão esperado.

Muito tempo depois, chegou a televisão. Igualzinho a um cinema, só que dentro de casa. Bastava ligar a tomada, apertar o botão e... pronto! Lá vinham filmes, desenhos animados, novelas, notícias, documentários. Era como se fosse um grande livro: cada página era uma história diferente, um novo desenho, a notícia do dia, as histórias do passado e do presente. Até aulas havia na televisão. Muitos filmes e novelas eram baseados em livros: *E o vento levou*, *Por quem os sinos dobram*, *Spartacus*, *A Moreninha*, *Grande Sertão: Veredas*, *Ciranda de Pedra*, *Senhora* e muitos outros.

Mas, como agora já não eram livros, tinham que ser contados de forma diferente. Em vez de palavras, apenas, eram usadas palavras e imagens. O leitor do livro agora era também espectador. Lia ou ouvia, porque ouvir é também uma forma de ler, e enxergava. Agora podia ver como era Dartagnan, a cara de ruindade da Milady, o Visconde de Sabugosa, a Emília. Tarzan, puxa vida, era forte mesmo, como sempre se tinha imaginado. Mas, se os personagens estavam ali, visíveis, ainda se podia pensá-los em novas aventuras, em outros lugares, com outros personagens. Agora, a viagem do leitor estava se fazendo em companhia de outros leitores, outros espectadores, outros autores. Como uma seqüência de vários autores ou de vários leitores.

Mais ou menos assim: o autor imaginou seu personagem – alto ou baixo, gordo ou magro, inteligente ou não, herói ou vilão, esperto ou canastrão. O diretor do cinema, o roteirista, o adaptador para a televisão, que leram aquele livro, imaginaram o personagem de uma certa forma e o tornaram visível. Não só através de palavras, como tinha feito o autor do livro, mas também por meio de imagens. Quando o espectador vê o filme, lá está o personagem, “em carne e osso”.

Muitas vezes, é como ele já o havia recriado na imaginação.

Sherlock Holmes é mesmo magro, astuto, rápido de corpo e de raciocínio, com um cachimbo no canto da boca, levemente irônico, e com o seu boné característico. Watson, por sua vez, será mais velho, mais lento, pacato, quase o oposto do seu amigo detetive. Muitas vezes, é totalmente diferente. Como será Capitu, que tem olhos de cigana oblíqua e dissimulada? Como serão tais olhos? Ou Diadorim, que Riobaldo diz ser como uma neblina? Para mim, Diadorim não se pareceria, nunca, com a atriz que a representou na série de televisão. Mas não há problema. Mesmo com as imagens concretas que a tela nos oferece, ainda podemos discordar, modificar, transformar. Essa é a maior característica de todo ouvinte/leitor/espectador.

Nessa corrente que se forma entre autor, diretor e leitor/espectador, o que há de comum entre eles é a imaginação e a possibilidade de estarem mudando de posição a todo momento. Ou seja, autor e diretor podem se tornar leitores e espectadores e ler o que outros autores escreveram; leitores e espectadores podem se tornar autores. Na verdade, é um jogo em que a posição dos jogadores muda continuamente. É isso que o torna interessante. Para se tornar um autor, alguém deve ler muito. E não apenas ler livros, mas ler de tudo, prestando atenção a tudo: pessoas, objetos, cartazes, ruas, cidades.

Para ter boas idéias, deve conhecer as boas idéias que outros tiveram. Essas idéias, somadas à sua imaginação e à sua observação, transformam-se numa idéia original: um novo livro, um novo filme, uma nova série de televisão ou uma nova novela. Escritores criativos, como Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro e Guimarães Rosa, e diretores revolucionários, como Eisenstein, Spielberg, Glauber Rocha, Guel Arraes e Coppola, são normalmente leitores vorazes de livros e da realidade à sua frente. Lêem muito e transmutam tudo o que lêem em novas histórias.

A história em quadrinhos (HQ) funciona como um tipo de filme, misturando palavras e imagens. A diferença é o veículo por meio do qual se expõem. Enquanto o filme precisa de uma fita de acetato, que é projetada através de uma máquina especial, num ambiente também especial – a sala de cinema ou o aparelho de televisão e a sala de nossa casa –, a HQ utiliza o papel, a revista. Como as palavras de um livro, ou as imagens, os fotogramas de um filme, a HQ utiliza, é óbvio, os quadrinhos que se sucedem numa tira e cada tira numa página.

Os quadrinhos também contam histórias inventadas especialmente para eles ou aproveitam aquelas criadas por livros de romance, lendas tradicionais, ou pelo cinema. Há muitos personagens criados pela HQ: Capitão Marvel, Níquel Náusea, Fantasma, Super-Homem, Mônica, Mafalda, os Fradinhos, os Piratas do Tietê e muitos mais. Há personagens aproveitados das lendas de vários povos, como Thor, Hércules, Pererê, além de muitos outros heróis e anti-heróis.

Por ser um gênero que se concretizou no princípio do século, apesar de ter uma origem muito anterior, lá pelo século XVIII, na forma de ilustração de livros, a HQ utiliza técnicas do cinema e do livro para contar suas histórias. Cada vez mais se torna um veículo altamente sofisticado, misturando técnicas avançadas do desenho (efeitos de sombra, cores, perspectiva), do cinema (planos narrativos, enquadramentos, montagem, cortes, signos visuais) e do livro (técnicas narrativas, descritivas, caracterização de personagens, psicologismo). Aqui também o leitor é convidado a soltar sua imaginação, a participar da história e a transformá-la.

Todos esses meios de comunicação – a história oral, a história escrita em livros, a televisão, a história em quadrinhos – têm sua importância e a exerceram num determinado período. A história oral, de âmbito familiar ou comunitário, existiu numa época

em que não havia nenhum dos outros meios ou eles eram de difícil acesso. Ela era e é positiva. Naquela época, criava uma tradição, fundava uma história, reunia a família, transmitia informações e valores considerados positivos, fornecia um imaginário pelo qual os membros da comunidade se reconheciam.

Os conhecimentos em geral eram limitados e podiam ser condensados em formas narrativas curtas, como as parábolas, as fábulas, as alegorias, os provérbios e os mitos. Quando mais curta a narrativa, mais fácil se tornava memorizá-la e passá-la adiante. Temos a tendência a valorizar o índio e o homem da roça, que não têm os mesmos valores que nós e são vistos com olhos nostálgicos, à distância. Ambos não lêem nem escrevem, mas têm formas de passar sua cultura, suas informações, suas crenças. É bem verdade que as informações de que necessitam para sobreviver são poucas, porque os membros dessas culturas têm necessidades que também são pequenas.

Os dois merecem nosso respeito. Mas não somos índios ou roceiros, e nossa cultura adquiriu um grau de complexidade tamanho que já não cabe na cabeça de uma ou de algumas pessoas. Além disso, as relações que há entre pessoas são também tão complexas quanto nossa cultura. Há necessidade de contratos, de leis, de instruções normativas, de regulamentos, bulas, artigos científicos, a fim de que todos saibam o que fazer e o que esperar dos outros. Há necessidade de arquivos, de computadores, de objetos de substituam a memória que já não podemos ter e de legislações que regulem nossas ações. Em suma, há necessidade da escrita e da leitura como condições básicas para a subsistência em nossa sociedade.

Quando o livro surgiu em grande escala, depois da invenção da imprensa e do papel, o homem estava numa época em que as informações cresciam vertiginosamente e a organização social se modificava em igual velocidade. Era preciso produzi-las e

armazená-las rapidamente, além de se buscar atingir um número maior de pessoas. O livro, seja de histórias, seja de informações, deixa de ter um valor de uso doméstico, familiar, para ter um valor de troca, mais amplo, atingindo um território muito mais extenso. De certa forma, o livro substituiu a narrativa oral que lhe tinha dado origem, assumindo a característica de algo mais verdadeiro, mais completo, mais bem escrito.

Já não se precisava memorizar histórias ou informações: bastava consultar os livros. Mesmo que todas as pessoas não tivessem acesso ao livro, este passou a ter um *status* privilegiado porque guardava, intocadas, histórias e informações, sem as variações e incertezas da tradição oral, e porque passou a ser um signo de distinção. Mesmo objetivando ampliar o número de leitores, o livro só atingia um número pequeno de pessoas, aquelas que podiam pagar por ele e, portanto, que se distinguiam dos demais indivíduos por sua situação econômica.

Diferente da tradição oral, que atingia a todos quantos tivessem ouvidos para ouvir, o livro não chegava a quantos tivessem olhos para ler, mas apenas àqueles que tivessem dinheiro para comprá-lo. Além disso, o livro impunha uma condição para seu acesso: as pessoas tinham que saber ler. Ou seja, tinham que passar alguns anos de sua vida numa escola, que, na maioria dos países, como no nosso, não existia para todos. Como o conteúdo dos livros se tornou mais complexo, o proveito que as pessoas poderiam ter passou a depender de uma condição: ter um nível cultural que as capacitasse à leitura. O livro se tornou um objeto excludente.

Tudo isso conferiu um grau de distinção ao autor e ao leitor, que sabiam ler e escrever, e ao livro, como um objeto mágico, uma vez que só por meio dele se chegava às histórias e à informação. Nas casas dos letrados, os livros eram cuidados e reverenciados com a proteção de encadernações, estantes e biblio-

tecas. Para os que não podiam tê-los em casa, mas que sabiam usá-los, foram criadas as bibliotecas, que são lugares onde se tem a mesma atitude de recolhimento e reverência que numa igreja. Possuir e ler livros são valores difundidos em todas as sociedades como a nossa. “Livros, livros a mancheias”, diz um poeta. Quanto maior a devoção ao livro, maior a dificuldade para adquiri-lo. E ele permanece, ainda hoje, como algo desejável, mas não possível para todos.

Depois de um longo percurso tecnológico, que começa no Renascimento, surgem a fotografia, o cinema, a televisão. Da imagem isolada passou-se para a imagem em movimento; da contemplação individual do fotograma chegou-se à fruição coletiva do filme, e daí passou-se para a fruição individual ou, no máximo, familiar da mensagem televisiva: filmes, documentários, informações, novelas, etc. Por um processo político-industrial-tecnológico, optou-se pela produção de televisores e de outros eletrodomésticos. A partir da segunda metade do século XX, em maior ou menor prazo, a indústria de bens de consumo produziu e vendeu seus produtos para a maioria dos lares de muitos países, entre os quais o Brasil.

A publicidade, como fenômeno que acompanha a expansão industrial, garantindo-se e garantindo-a, afirmou que a felicidade só seria possível com a posse de todos os bens que o mercado colocava à disposição da população. Por razões econômicas, o processo adquiriu características massivas. Todos têm que possuir todos os produtos; todos têm que ter o produto mais recente, mais evoluído tecnicamente. Com isso, gerou-se a sociedade de consumo, cujos efeitos incluem a padronização e o nivelamento de todos pela posse dos mesmos objetos de desejo e de consumo.

Com a televisão, os hábitos mudaram, como já haviam mudado antes, a cada invenção proporcionada pela tecnologia em

todos os setores: educação, saúde, lazer, transporte, agricultura. A principal mudança foi que as pessoas deixaram de ler, de contar e ouvir histórias, de passar suas informações interindividualmente. Pararam de usar os livros ou, se já não os usavam, passaram a não se interessar por eles. Com isso, houve um abalo na chamada cultura letrada e uma perda da crença no valor dos livros como transmissores de informações e contadores de histórias.

Não que as pessoas tenham deixado de ter informações e de ouvir histórias. O que mudou foi apenas o veículo que transmitia informações e histórias: deixou de ser o livro e passou a ser a televisão, como, algum tempo atrás, tinha sido o rádio. Mas não foi isso o que muitas pessoas pensaram. Segundo elas, sem o livro seria o caos, uma vez que só o livro transmitiria a “boa” informação, as “boas” histórias, a “verdadeira” cultura.

Com essa mudança de veículo, as pessoas voltaram aos velhos tempos em que as avós contavam histórias e os vizinhos e parentes passavam para todos as informações sobre as colheitas, a pesca, as vendas e compras. Já não precisavam saber ler ou escrever para entender o que se falava, já não precisavam da escola. Quando as escolas, os educadores, os autores de livros e seus leitores perceberam que a estrutura da qual dependiam e participavam podia tornar-se ultrapassada, foi um deus-nos-acuda.

Todos começaram a atribuir todos os males da sociedade à televisão e a seus programas, como se a televisão não refletisse sempre o ponto de vista da sociedade em que estava, inclusive o dessas pessoas que a criticavam. Segundo elas, a televisão tomava tempo, não fazia pensar, não era criativa, não era original, desestimulava os alunos para o estudo, transmitia coisas nocivas e perniciosas. Enfim, qualquer semelhança entre a televisão e o diabo não era mera coincidência.

Por outro lado, somente pela televisão as pessoas viam espetáculos de balé ou de teatro, encenado nos estúdios das emissoras, documentários sobre a vida dos insetos e dos animais, experiências científicas, lançamento de foguetes, discussões sobre livros e seus autores, programas humorísticos mais sutis ou mais grosseiros, filmes, reportagens, noticiários. E as pessoas começaram a pensar: “Por que o filme no cinema é diferente do filme na TV? Por que o documentário ou a reportagem ou a experiência científica da TV são diferentes dos que são mostrados nas escolas? Uma reportagem sobre terras e povos distantes não equivale a uma aula de História ou de Geografia? Se ouvir é uma forma de ler, então não estamos lendo ao vermos TV?” Ao fim, as pessoas perguntavam: “Por que só o livro é benigno e a televisão é só maligna?”

Naquela época, por volta dos anos cinqüenta e sessenta, muitas discussões eram realmente maniqueístas: de um lado estava o Bem, e de outro, o Mal. Do lado do Bem estava o livro, o quadro, a obra de arte, o filme, a música erudita; do lado do Mal, a televisão, a HQ, a música popular. Hoje sabemos que não há nem pode haver exclusões, mas convergências. Se a televisão veio suprir uma falta de informação, num sentido amplo, preenchendo as lacunas deixadas pelo livro e pelas instituições educacionais, acabou por dar um tratamento superficial à informação, por causa de seu próprio dinamismo e velocidade. Mas ela não aboliu o livro, assim como este não suprimiu a narrativa oral. Por outro lado, estimulou a leitura de jornais, cuja abordagem é mais profunda, e propiciou a leitura de livros adaptados para suas novelas ou minisséries. Criou-se uma concorrência de meios de comunicação e de formas narrativas e artísticas.

Assim, o livro e as formas de comunicação escritas complementam as formas de comunicação orais; o livro, em forma de narrativa literária, assume características que pertencem

ao filme, aos quadrinhos, à televisão, à crônica jornalística, à narrativa oral tradicional, além de fornecer parâmetros para que o leitor/espectador receba as narrativas e as informações transmitidas pela televisão. Todas essas formas, por sua vez, assumem as características das outras linguagens, criando uma comunidade entre elas. A música popular reúne características que pertencem à linguagem musical e à linguagem literária, retomando uma unidade existente já no período medieval e até antes, entre os gregos.

Cada forma de comunicação deve manter, apesar do interrelacionamento que apresentam, a sua integridade. O livro, portanto, ligado à individualidade, favorece o recolhimento, a reflexão, a escolha, o aprofundamento, o encaminhamento de um ritmo de leitura próprio de cada leitor, que pode, a seu bel-prazer, parar e recomeçar quando quiser. Já a televisão pode prejudicar a reflexão, dado o seu ritmo acelerado, marcado pelo interesse econômico que dita a duração dos programas, dos intervalos comerciais. Além disso, fornece uma ilusão de realidade, de simultaneidade e de veracidade, que não possui, transformando o espectador em testemunha de algo que na realidade pode não existir da forma como está sendo mostrado.

Mas como a televisão admite um público coletivo, é de se esperar que esse público exerça sua capacidade crítica, trocando idéias, avaliando opiniões, discutindo posições. Por isso mesmo, a televisão está sendo levada, atualmente, para as salas de aula, onde deve suscitar discussões por parte dos alunos. Por outro lado, está-se buscando uma interação entre emissores e espectadores, de forma que estes deixem de lado uma postura meramente passiva. O que não se pode esperar é que a televisão deixe de existir ou que o livro desapareça.

Ao retomar a comunicação oral, que dispensa o saber ler e escrever, a televisão se coloca ao lado da tradição; ao imprimir

uma velocidade e uma rotatividade incríveis às suas informações e histórias, situa-se dentro da concepção temporal da modernidade, cujos fundamentos são econômicos: produzir mais, consumir mais, não importa o quê. Se hoje as informações e as mudanças tecnológicas são muito rápidas, e se só os meios eletroeletrônicos dão conta da rapidez dessas mudanças, por isso mesmo há necessidade de que toda essa informação seja armazenada, catalogada, posta à disposição para posteriores consultas, algo de que só o livro e seus sucedâneos, como o computador, dão conta.

A televisão está do lado do consumo, do descarte, do transitório; o livro está do lado do permanente, do durável. Para usar uma metáfora buscada na Lingüística, pode-se dizer que a televisão está para o eixo sintagmático, enquanto o livro está para o eixo paradigmático. Só que o sintagma da televisão é *sui generis*, obedece a uma sintaxe que não dura mais que um dia ou um momento. Não há um compromisso, salvo as raras e honrosas exceções, com o passado ou com o futuro. Enquanto o livro favorece a memória e a prospectiva, a discussão sobre o futuro, a televisão representa o presente, ainda que tenha uma incrível capacidade de documentar todas as épocas e de estimular a reflexão.

Há necessidade de fazer a junção do livro e da televisão, e não preferir um pelo outro. Por sua própria rapidez, a televisão não dá muita escolha ao espectador. Sua maneira de ser, sua sucessividade ininterrupta, em que o fotograma da vez prepara o posterior, ligando-se a ele de forma concreta, impede que o espectador escolha o que ver e o leva a assistir a coisas que não têm importância, vistas apenas por estarem na seqüência, entre uma cena anterior e a subsequente. É o sintagma cotidiano em ação, desencadeando toda uma estratégia semiótica. Já o livro, por sua estaticidade, favorece o movimento do leitor, seu dinamismo.

A televisão cria uma dependência no espectador, que, se não for orientado para vê-la, poderá ter a sua capacidade crítica abalada, uma vez que é levado a crer no que vê. E, sabe-se, a crença comum atribui à visão uma dimensão documentária, de verdade. Desde os tempos bíblicos que se sabe: ver para crer. Já o livro favorece a independência do leitor, já que, *a priori*, não trabalha com a realidade aparente e palpitante, com o envolvimento direto, participante, mas com a mediação, com o distanciamento reflexivo.

É o leitor quem escolhe o que ler. A leitura deve se fazer como um caminho, cujos passos devem ser dados pelo caminhante, que escolhe onde vai pisar. Cada texto lido se abre para uma encruzilhada, onde se colocam outros textos, cada qual comportando seu feixe de caminhos divergentes, e assim por diante. É um caminho que permite avanços e recuos, que pode ser feito e refeito mais ou menos lentamente. Esse dinamismo do leitor possibilita-lhe um grau maior de intervenção, de mudança, de criação.

Não é a história que vale, mas a possibilidade de transformá-la, recontá-la, recriá-la. Essa morosidade e essa capacidade de intervenção fazem a diferença entre o livro e a televisão, sem que um exclua o outro. Cada um deve ser consumido dentro de suas características: uma televisão jamais se materializará num livro, e vice-versa. A televisão, por seu dinamismo, nos transforma em efeitos; o livro, por sua estaticidade, nos transforma em causas. Essa é a diferença fundamental entre ambos.

Por isso, o livro leva seu leitor à criação, à reflexão, à descoberta de formas de intervenção no real, seja através de outros livros, seja através de outros modos de manifestação artística ou de comunicação. Livro e televisão, como dois grandes ícones de duas formas de comunicação e de duas épocas diferentes, vêm mudando gradativamente, um aproveitando algumas ca-

racterísticas do outro, ainda que saibam que serão irredutíveis a uma mesma formulação.

A televisão, pelo menos em algumas de suas emissoras, procura ser mais reflexiva, mais lenta, menos dominada por um padrão econômico; o livro tende a ser mais rápido, mais visual, mais plástico, mais objetivo. O que se deve esperar é que ambos concorram para formar o leitor/espectador como um ser crítico, capaz de refletir, de transformar e de assimilar aquilo a que assiste ou que lê.

Não há razão para uma crítica à televisão – que hoje soa anacrônica – por parte de professores e de intelectuais. O que se espera destes, e da escola, é que ensinem seus alunos a ler. O mundo, enquanto um *continuum*, só se dá a ler se o olhar do homem incidir sobre ele de forma crítica. Caso contrário, será eternamente opaco. Da mesma forma que o homem intervém sobre esse *continuum*, decompondo-o em unidades discretas, lendo a natureza, descobrindo seus códigos, deverá intervir sobre os produtos culturais que o próprio homem criou.

Livros, televisão, quadrinhos, cartazes, músicas, danças e muitas outras manifestações são produtos semióticos também à espera de quem decifre seus códigos para apenas compreendê-los ou para criar novos produtos. Quanto mais complexa uma sociedade, quanto maior for o número de códigos envolvidos na comunicação dos indivíduos, maior a necessidade de uma aprendizagem para a leitura e a produção de mensagens nesses códigos.

Não é pelo caminho da exclusão de sistemas semióticos novos ou complexos que a comunicação, a aprendizagem ou a fruição de objetos estéticos ou de informações irá melhorar. Uma vez que o progresso é inexorável e não pressupõe nenhuma volta nem admite estabilização, deve-se compreendê-lo e administrá-lo. Não cabem a rejeição pura e simples ou a aceita-

ENTRE O LIVRO E A TELEVISÃO

Resumo

Livro e televisão representam dois pólos entre os quais se dá nossa cultura: a escrita e a oralidade. Apesar de a oralidade existir desde sempre e de o livro ter uma história relativamente recente, foi o livro que se fixou como a forma, por excelência, de aquisição e de transmissão da cultura. A partir dos fins do século XIX, de forma massiva, o predomínio do livro começou a ser ameaçado, segundo alguns, ou a ser complementado por mensagens de caráter visual (fotografia e cinema, além de seus congêneres) e oral (cinema e televisão), segundo outros. O caráter icônico das imagens passa a concorrer com a informação predominantemente lingüística, o que gera uma polaridade entre os defensores de um ou outro processo de comunicação. Este texto defende a interpenetração dos vários sistemas semióticos e a necessidade de aparelhamento de escolas e profissionais do ensino, combinando oralidade e escrita, a manutenção do livro e sua integração com os meios icônicos, como a televisão.

Palavras-chave: *livro e televisão; oral e escrito; linguagem e iconicidade; interpenetração de sistemas semióticos.*

Abstract

BETWEEN THE BOOK AND THE TELEVISION

The book and the television represent two poles between which our culture takes place: writing and verbalization. Although verbalization has always existed and the book history dates from relatively recent times, it was the book that established itself as the way, per excellence, through which the culture is acquired and transmitted. From the latest years of the 19th century, on a massive manner, the predominance of the book either started to be threatened, according to some views, or to be complemented by virtual messages (photography and cinema, besides their congeners) and oral messages (cinema and television), according to others. The iconic nature of the images began to compete with predominantly linguistic information, which generates a polarity between the defenders of one or the other communication process. This text advocates the interpenetration of the various semi-optical systems and the need to equip both schools and teaching professionals, by combining verbalization and writing, as well as to keep the book and to integrate it with the iconic means, such as the television.

Key words: *book and television; oral and written; language and iconicity; interpenetration of semi-optical systems.*

ENTRE LE LIVRE ET LA TÉLÉVISION

Le livre et la télévision constituent les deux pôles de notre culture : l'écriture et l'oralité. Malgré le fait que l'oralité existe depuis toujours et que le livre ait une histoire relativement récente, c'est le livre qui a été fixé comme la forme par excellence de l'acquisition et de la transmission de la culture. Selon certains auteurs, à partir de la fin du XIXème siècle la prévalence du livre fut menacée ; selon d'autres cette prévalence fut complétée par de messages visuels (la photographie, le cinéma et congénères) et oraux (cinéma et télévision). Le caractère iconique des images devint concurrent de l'information qui jusqu'alors était de prédominance linguistique. Cela a engendré une polarité entre les défenseurs des deux courants du processus de communication. Ce texte défend l'interpénétration de plusieurs systèmes sémiotiques et le besoin de l'appareillement des écoles et des professionnels de l'enseignement ; le mélange des systèmes oral et écrit. L'article défend également le maintien du livre et son intégration avec des moyens iconiques tel que la télévision.

Mots-clés: *livre et télévision; oral et écrit; langage et iconicité; interpénétration de systèmes sémiotiques.*

